



JARBAS OLIVEIRA

O SUMIÇO DA SANTA

Maria Marques (foto) e a população de Almofala, Itarema, querem recuperar a imagem da santa padroeira, sumida há 100 anos ■ 4A

POV Portaleza-CE, segunda-feira, 7 de dezembro de 1998

Santa retirada de Almofala pode estar exposta em Sobral

A população de Almofala, distrito de Itarema, questiona o paradeiro da imagem primitiva de Nossa Senhora da Conceição, que ficava no altar da igreja matriz. Ninguém sabe onde está

55(2)

RITA CÉLIA FAHEINA
Enviada especial a Almofala e Sobral

Onde está a imagem primitiva de Nossa Senhora da Conceição de Almofala? É essa a pergunta que os fiéis do distrito de Itarema, a 276 quilômetros de Fortaleza, estão fazendo no ano em que a igreja completa 100 anos que foi soterrada pelas dunas da praia. A igreja, inaugurada provavelmente em 19 de outubro de 1712, ficou coberta pela areia durante 45 anos (1898-1943). E, em 1984 foi recuperada e tombada pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Ninguém sabe explicar o paradeiro da imagem da padroeira. Nem os moradores mais antigos na região. Os índios tremembés, que, segundo o vice cacique Francisco Marques do Nascimento, o "João Venâncio", ajudaram a construir a igreja, hoje não podem nem entrar no templo. "O padre não nos reconhece como índios e não temos o direito de ir lá", reclama o cacique. Ele recorda que os antepassados passaram para eles a "história da santa", "a história da igreja" que construíram e a retirada das imagens um ano antes do soterramento, em 1897. Nem a imagem principal - a que fica no altar - nem o sino, sabem onde foram parar.

O pároco atual de Almofala, padre José Maria Carvalho Alves, que chegou na localidade há um ano e meio, defende que a imagem principal e outras estão no Museu Diocesano dom José, em Sobral, a 230 quilômetros de Fortaleza. Talvez ele tenha razão pois existem, pelo menos, 30 imagens de Nossa Senhora da Conceição expostas no museu e muitas delas sem identificação. "Não posso afirmar que uma delas pertence a igreja de Almofala, porque já as encontrei sem identifica-

ção. Quem sabe se tivesse alguém na localidade que pudesse reconhecer as imagens?" diz a diretora do Museu Diocesano, Giovana Mont'Alverne Girão.

Ela diz que as imagens começaram a ser coletadas por dom José Tupinambá da Frota na segunda década do início desse século. O bispo diocesano dispensava parte do prédio, que começou a funcionar como residência episcopal a partir de 1934, para guardar as imagens e outros objetos antigos que hoje fazem parte do museu. Muita coisa ficou, sem identificação. "Acredito que sendo uma peça sacra valiosa, dom José logo que recebesse qualquer imagem de Almofala a identificaria", opina Giovana.

A única peça exposta no Museu Dom José que está identificada como sendo da matriz de Almofala é a porta de um sacrário talhada em madeira com a forma de um cálice. Tem 51 centímetros de altura e data do século XVIII.

DÁRIO GABRIEL



■ Museu Diocesano: santas sem identificação

OPovo/Foraleza-cé, segunda-feira, 7 de dezembro de 1998

55(5)



■ Maria Marques diz que era uma diversão desenterrar o templo às tardes

Moradores desenterravam igreja com cuias e bacias

Eu me lembro da época que a gente brincava só com a cruz da igreja no meio da duna onde ficou enterrada. Também recorro do pessoal que, no finalzinho da tarde e na boca da noite, saía de casa levando as cuias e bacias para tirar a areia e desenterrar a igreja”, recorda o agricultor aposentado Luis Cosmo do Nascimento, 100. Ele é o mais antigo morador de Almofala, segundo os próprios nativos. Sua mulher, Maria Marques do Nascimento, 72, ainda era menina quando seguia os pais e amigos, todos os dias, para retirar a areia da duna que cobria a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala.

Luis Cosmo lembra do dia em que retiraram as imagens de santos do templo. “Naquele dia a minha filha mais velha foi batizada”. O agricultor refere-se ao dia em que o pa-

dre Antônio Tomás celebrou a última missa antes da igreja ser totalmente invadida pela areia. Foi em outubro de 1898. A celebração começou às quatro e meia da manhã com a presença de cerca de três mil fiéis. “Na hora de tirar os santos do altar, houve briga e discussão entre as pessoas que não concordavam que levasse para Itarema. Acabaram levando e de lá eu não sei mais nada”, acrescenta.

Maria Marques diz que era uma diversão ir desenterrar a igreja todas as tardes. “A maior parte do povo que fazia isso já morreu”. Ela tinha 17 anos quando casou com Luis que, na época, tinha 45 anos. Há cinco anos, ele está paralisado, mas ouve e fala normalmente e diz que ainda tem muita saúde. O casal, descendente de índios, tem 16 filhos mas apenas dois moram em Almofala.

7/12/98
"O POVO"

PATRIMÔNIO

55(4)

Pároco aponta descaso, quer reforma e duvida da capacidade dos índios

O pároco de Almofala, padre José Maria Carvalho Alves, culpa o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) pelo abandono da igreja. Diz que quando chegou na localidade, há um ano e meio, havia morcegos e sujeira no templo. "O povo falou que era tombada, o bispo, dom Benedito Albuquerque (responsável pela Diocese de Itarema) também. Mas o que vi aqui foi abandono. Coloquei um som, mas quando o Patrimônio (Iphan) veio aqui tirou. Não vi nenhum ato de preservação da igreja", declara o pároco.

O religioso diz ainda que, quando chove, a água entra no templo. Sobre a estrutura, defende reformas para melhorar a ventilação. "Existem paredes ociosas e não se tem autorização para modificar a estrutura. Não se pode mexer em nada. Nem colocar uma sacristia", reclama o padre dizendo ainda que guarda todos os paramentos e objetos que utiliza durante as celebrações eucarísticas em sua casa, que fica ao lado da igreja. "Para celebrar a missa tenho que levar tudo porque não tem onde guardar no tem-

plo". As celebrações realizam-se de segunda a sexta, às 18 horas e, nos sábados e domingos, às 19h30min.

As imagens antigas que ficaram na igreja - uma de Nossa Senhora da Conceição e outra de São José em estilo barroco, talhadas em madeira - precisam de restauração, de acordo com o pároco. Ele diz que, diferente de outras edificações tombadas, como o mosteiro de São Bento, em Olinda (PE), a igreja de Almofala, que é um templo histórico, considerado o mais bonito do século XVIII, não tem os cuidados necessários. "Durante toda a minha vida de missionário, nunca vi uma igreja servir como seção eleitoral e foi isso que aconteceu na eleição desse ano", denuncia.

O padre não considera Almofala como terra dos tremembés. Também não acredita que o tribo ajudou a construir a igreja: "Os índios não têm capacidade para fazer uma obra dessa". O pároco, no entanto, nega que impeça a entrada deles no templo. "O que acho é que esse povo é muito sofrido, explorado. Aqui falta energia e água. As condições de vida são precárias".

Arquiteto nega abandono e critica padre

O coordenador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), arquiteto Romeu Duarte Júnior, diz que o órgão acaba de fazer uma reforma na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala "com o pouco dinheiro que dispunha". Romeu nega que haja abandono e diz que existe uma indisposição do padre José Maria com relação ao Iphan. "Ele é incapaz de compreender a beleza da igreja, quer alterar a estrutura e não lhe compete mexer no edifício", diz.

O arquiteto critica o padre que faz distinção entre o povo de Almofala. Segundo ele, os índios tremembés vivem procurando o Iphan para denunciar a atitude do sacerdote. Romeu diz que em 1983 a igreja foi recuperada e quanto à retirada das imagens, não sabe o que aconteceu porque o fato antecede ao início do funcionamento do Iphan em Fortaleza, que data de 1983.

Ele reafirma a proibição de modificações na estrutura de um prédio tombado pelo Patrimônio Histórico e diz que "se o padre quiser um local maior para acomodar os fiéis que faça uma igreja noutra lugar", conclui.

Fortaleza-CE, segunda-feira, 7 de dezembro de 1998

O POVO

PONTO DE VISTA

Histórias centenárias

ALCIDES FREIRE

Em Almofala/Varjota, terra indígena dos tremembés, no município de Itarema (CE), aconteceu um fato no ano de 1898 que teve graves conseqüências para a vida e a história do Povo Indígena Tremembé. No jornal "A República", de 9 de novembro de 1898, consta uma notícia sensacional: "Uma Igreja Soterrada". E descreve a situação da igreja de Almofala dos Tremembé, "auphixiada pelos areiaes que se aproximam d'ella com velocidade incrível".



MARIA AMÉLIA
da Missão Tremembé

Na sua história oral, os tremembés sempre contam a história da duna, do morro de areia que cobriu a igreja. É contada com sofrimento e um certo orgulho, como "a história da Santa", "a história do aldeamento", "a história da terra", "a história da igreja".

Ela passa por uma outra, que pode ser lenda, mito, e até história verdadeira. É a "santa doiro" que apareceu em Almofala: pequenina, dourada, que eles chamam de "Labareda". Colocaram num nicho de palha e se juntavam para adorá-la. Ela se mudava, voltava para o local onde queria ficar. Até que a Rainha Maria I de Portugal tomou conhecimento e mandou um emissário falar com os tremembés, pedir a santa e, em troca, ela lhes daria uma igreja. E assim foi feito. Mandou tijolos e telhas da Bahia. Eles foram buscar no Acaraú, nos navios que vinham de Salvador. A argamassa que uniu as paredes foi feita com o pó das conchinhas, dos búzios do mar. Eles mesmos trabalharam na construção e por tudo isso se sentem donos da igreja.

Depois que o morro se plantou nessa região - pois não foi só a igreja que foi soterrada, e sim grande parte da terra dos tremembés, o "aldeamento", como ainda hoje eles se referem à sua terra - famílias inteiras se dispersaram, se espalharam na região, apavoradas. Consta que muitos foram esbarrar no Amazonas. Foi um desespero, já iniciado no ano anterior, 1897, com a retirada das imagens da igreja, seus amados santos, que nunca voltaram para lá. Até o sino eles se

lembram do som, que os mais velhos contam como muito bonito. Não sabem onde está.

E nas noites de lua clara, os tremembés contam que ficavam em cima do morro, cantando, rezando e, com suas cuinhas, iam retirando a areia que cobria a igreja. E tudo isso durou 40 anos.

O que sempre nos impressiona nesta história é a dimensão do sagrado que ela transmite, que ela contém em si mesma, e que aparentemente está representando no prédio, na terra. O sentimento profundo que ultrapassa o religioso católico que os não-indígenas não conseguem revelar. O templo é a divindade total que é força, espírito, animação, impulso profundo do ser, da própria identidade.

Nestes 100 anos, a igreja de Nossa Senhora de Almofala conquistou uma referência histórica no Ceará. Tem sentido relembrar esse acontecimento e celebrar a resistência de um povo, a luta de um povo para sobreviver?

Maria Amélia Leite é secretária-geral da Missão Tremembé



■ Índia Tremembé: página desenvolvida por pesquisadores cearenses oferece-se como um canal de pesquisa sobre as populações indígenas do CE